

O milagre de botar o terno na rua

NELSON PIOS
Reportagem Local

"Quem trouxe o terno para a Bahia foi um português meio maluco que chegou aqui no início do século. Um dia, ele apareceu no cais do porto chamando o pessoal para fazer um bloco e sair pelas ruas, por coincidência era 6 de janeiro, dia de Reis". Quem dá o breve histórico do surgimento dos ternos de reis na Bahia é Silvano Francisco Nascimento, 71 anos completos no Natal passado, fundador e presidente eterno do Terno de Reis Rosa Menina que apareceu pela primeira vez nas ruas de Salvador no verão de 1945. "Seo" Silvano disse que naquele ano botou o seu bloco na rua com mais de cem pessoas e o terno de reis era a grande coqueluche das décadas de 30 e 40.

Max, quase cinquenta anos após viver sua época de ouro, os ternos e ranchos lentamente vem descendo os degraus da escada da decadência, cujo próximo passo será a completa extinção. Em 1949, quando a cidade do Salvador completou 400 anos, 17 ternos e dois ranchos desfilaram por suas ruas, praças e ladeiras. Neste ano, quando o Rosa Menina com seus cinquenta figurantes subir ao palco armado pela Prefeitura no dia 6, dedicado a folia de Reis, apenas mais seis ternos e um rancho o acompanharão, e não se sabe ainda quantas pessoas estarão na platéia para ver a apresentação dos mais nobres representantes dos folgoedos lusitanos.

A possibilidade da extinção da série "Ternos e Ranchos" tem sido motivo de preocupação diária para Aluísio Campos de Souza, 61 anos, presidente da União de Ternos, Ranchos, Balles e Pastorinhas da Bahia, fundada há mais de sessenta anos e considerada como "utilidade pública" pelo Estado e pelo município. Aluísio diz que a situação piora a cada ano. "sacrifício é estúpido" e a tendência é acabar.

"Existem sete dirigentes de ternos em nossa cidade, quando eles morrerem os ternos vão desaparecer com eles".

O presidente da União coloca inclusive nas mãos do governo o poder de efetuar "um milagre" e ressuscitar os ternos e ranchos. "Eu não sei como vai ficar a situação daqui a uns dois ou três anos, todos os dirigentes já estão cansados e em idade avançada e não existe renovação. Se o governo não der uma ajuda, mais uma tradição popular desaparecerá. Agora, eu garanto que se o governo der uma mão, com esse pinguinho de gente que temos aqui, nós conseguiremos ressuscitar os ternos e ranchos", assegura Aluísio.

Além a renovação no quadro e figurantes e diretores é outra preocupação que vem deixando cada vez mais brancos os cabelos dos presidentes das entidades. De acordo com Aluísio ninguém se interessa em ocupar um cargo importante e tomar para si a responsabilidade de colocar um terno na rua. Os figurantes no entanto representam um grande problema e a maior dificuldade que eles encontram e para compor o elenco. "Não se fazem mais pastorinhas e ciganas como antigamente. As meninas de hoje não querem mais saber disso. Se a gente precisa de uma com os cabelos longos para representar uma cigana, não acha. Todas elas cortaram os cabelos junto as orelhas e andam por aí parecendo homens".

"Além disso", continua, "ninguém quer se apresentar vestida a caráter, com a indumentária exigida; só querem saber de short e biquini". Aluísio passa a mão pela cabeça ajeitando os fios de cabelos que lhe restam, e muito preocupado conclui: "As modas, a cada ano que passa, levam para o buraco todas as atividades que, por questão de tradição, não podem acompanhar-las". Mas mesmo assim, "com pouca grana e sem muita fama", os ternos ainda conseguem dar os últimos suspiros e



Aluísio Campos: "Em via de extinção"

enquanto tiver pulmão, coração e alguém interessado em assisti-los, eles estão dispostos a sacudir a poeira dos estandartes e dar a volta por cima.

Amanhã, véspera do dia dedicado aos Santos Reis, os últimos seis ternos e um rancho que restam na Bahia se apresentam a partir das 21 horas, num palco armado pela Prefeitura na Praça Municipal, depois seguem com todas as dificuldades e problemas para a Festa da Lapinha, onde no meio do povo se apresentam. Os últimos representantes da tradição folclórica portuguesa mostram para a população ao vivo e em cores o pouco da perseverança e luta de sete pessoas que atravessaram mais de cinco décadas presidindo entidades, não deixando que uma manifestação essencialmente popular abandonasse as praças, ruas e casa para arranjarem uma nova morada em algum compêndio de história ou num arquivo de qualquer biblioteca pública.